

A TEMPESTADE



Naquele domingo o sol enganou a muitos. O dia podia-se jurar estava extremamente adequado para uma festa na piscina. E foi por isso que Juliani resolveu sair um pouco e passear num parque próximo do lago, um lugar que ela simplesmente amava. Trazia a Juliani lembranças de sua infância que fora tão feliz. Eram aromas, paisagens e brisas que ela jamais poderia encontrar em outro lugar. Ali sempre havia sido seu abrigo mesmo nos momentos mais difíceis.

Caminhava e notou que havia apenas poucas pessoas ali naquela tarde. O que a deixou mais encantada foi à calma e paz que se podia respirar naquele ambiente. Tudo ali lhe remetia a doces manhãs de abril, quando vivia com seus pais e saíam aos domingos para ir ao parque. Sua vida era tão tranqüila... Sem as preocupações e apenas a ingenuidade de criança... Foram sem duvida os melhores anos da vida dela, pensava. Distraiu-se e quando acordou deste devaneio em que pode reencontrar a imagem de proteção que seu pai lhe transmitia, já era muito tarde e o céu estava negro, como se todos os ventos e as

tristezas da humanidade fossem desabar naquelas grossas gotas de chuva que caíam...

Juliani ficou aterrorizada com o cenário que agora vislumbra. Como tão de repente aquele céu de verão transformou-se em tarde de inverno? Nem mesmo outro ser se podia encontrar naquele parque agora. Somente ela. Como uma daquelas árvores tão antigas, ali estava ela, estática diante do que via. Quando sentiu as gotas de chuva tocar sua pele, primeiro docemente, depois de forma mais voraz, pensou que elas poderiam lhe consumir, lhe dilacerar, lhe deixar sem magoas, lhe furtar todos os seus sofrimentos. Sempre ouvira que a chuva limpava a alma e quando aquelas gotas inesperadamente tocaram sua mão, soube que era verdade. Aquela chuva poderia desnudar até o mais elegante dos homens. No íntimo ela sentiu um tremor, um temor, um medo que não podia explicar. Não queria estar ali sozinha. Queria e devia buscar um abrigo para fugir da iminente tempestade. Mas onde poderia se esconder? Onde encontraria um abrigo? Apesar daquelas árvores lhe prometerem segurança, ela sabia que não era seguro. Deveria correr e gritar, inventar qualquer coisa que a fizesse sentir-se menos só.

No seu desespero Juliani nem se deu conta de que no canto esquerdo do parque havia um banco para dois e nele um homem com uma capa preta e um guarda chuva também preto que lia um livro serenamente com expressão divertida e branda. Sua face aparentava uns 30 anos, estava vestido de forma casual, mas muito elegante, e era simplesmente lindo! Quando Juliani o viu finalmente, correu até ele para pedir-lhe ajuda. Queria não ter interrompido sua leitura de forma tão brusca, mas não pode evitar. Chamou-o e o extraiu de sua divertida leitura que o fazia tão contemplativo e belo. Não podia mais respirar, havia perdido o fôlego diante do que seus olhos enxergavam. Encontrar um homem daqueles no meio de uma tempestade era coisa de cinema, não era real. Quando ele retirou a maleta que estava ao seu lado e perguntou se ela estava bem, permitindo-a que se sentasse ali, ela simplesmente não podia dizer nada. Estava abobada. Poderia dizer qualquer coisa e quebrar a mágica daquele momento, daquele encontro inusitado. Resolveu calar-se e apenas assentir com um movimento de cabeça que estava bem e agradecer com um sorriso estonteante.

Parecia que as nuvens negras que outrora cobriam o céu haviam desaparecido. Era como se o azul dos olhos dele as tivesse expulsado. Tornando aquele domingo o mais suntuoso dos domingos!

Ele agora segurava o guarda chuva de forma que ela já não mais sentia as gotas de chuva a tocarem. Era um perfeito cavalheiro. Ela flagrou-se desejando saber o nome dele. Quando ele imediatamente disse:

“Nossa! Que falta de atenção a minha, nem me apresentei. Meu nome é Henrique, muito prazer, você é???”.

“Juliani! Meu nome é Juliani, muito prazer Henrique; E muito obrigada por me socorrer, na verdade não imaginei que fosse cair uma chuva hoje, o sol estava tão firme no céu quando resolvi sair pela manhã.”

“Obrigado a você! Por me permitir ajudá-la. Estava aqui tão compenetrado na leitura que nem notei que uma tempestade se aproximava e quando a vi desesperada me culpei pela displicência. Entrego-me ao livro que leio, tento me encontrar nele. Sinto como se muitas vezes o livro falasse sobre mim, é incrível.”

“Você é um amante de livros pelo que pude observar?”

“Sou sim. Desde que descobri o prazer das letras que não posso me abster delas. Sou viciado, compulsivo ou simplesmente amante, como você diz dos meus livros. É por isso que sou escritor, porque amo as letras e o que elas representam.”

“Então você é escritor... Em que categoria se encaixa os seus textos?”

“Acho que em todas. Sou muito eclético e gosto de variar no que escrevo. Quando estou me acostumando com um estilo, aí então me reinvento e me encontro escrevendo algo totalmente novo. É muito louco, mas muito gratificante. Faço o que gosto e ainda ganho por isto. É perfeito!” (Ele sorri e Juliani se derrete com seu sorriso, aquele sonho irá acabar pela manhã pensou ela, só poderia ser um sonho!). Continua ele... “mas e você, posso perguntar o que uma preciosa senhorita está fazendo num parque meio que deserto em plena tarde de domingo, diante de uma tempestade e sozinha?”

“Na verdade eu vim aqui, porque este parque significa muito para mim. Distraí-me e quando dei por mim já estava no meio da tempestade e apavorada por estar sozinha. Quando o avistei de longe, nem pensei em nada, só queria sair da chuva.”

“Correu então para os braços de um estranho?” Perguntou ele em tom brincalhão.

“Mais ou menos isso.” Ela falou sem graça.

“Não queria constrangê-la era apenas uma brincadeira.” Ele disse notando-a rosada. Suspirou pensando na bela mulher que estava diante dele agora! A tempestade o havia presenteado e deveria agradecer a ela por isso.

“Não foi nada. Sou meio tímida mesmo. Coisas de Juliani. Não se preocupe.”

“Então está bem Juliani. Diz-me, o que você faz?”

“Eu sou técnica em informática e trabalho na produção de software. É meio complicado, mas como você bem falou fazer o que se gosta e ainda ganhar por isto é muito legal!”

“Sem dúvida.”

“Se não for indiscrição, posso perguntar o que você estava lendo antes de eu atrapalhadamente lhe interromper?”

“Não. Claro que não. Indiscrição nenhuma. Eu estava lendo Helena – de Machado de Assis.”

“Oh! Eu já li Helena, o livro é fascinante e a história emocionante. Fiquei também absorvida pela leitura e encantada por Helena.”

“É ótimo sim. Tem o hábito de ler?”

“Tenho sim! Também amo ler. É uma ótima forma de desopilar. Minha semana é muito difícil e quando tenho um tempo livre venho ao parque passear e ler um pouco, porque aqui é muito sossegado.”

“Sei do que está falando. Conviver com outros não é fácil. Criei meu mundo para desopilar das perturbações que surgem a cada instante. Sabe Juliani a partir de hoje vou agradecer a todas as tempestades que surgirem na minha vida, por terem me trazido você.”

“Espero que estas tempestades não levem você de mim. Não tenho muita sorte com este tipo de encontro. Sempre acredito que é para sempre e o sempre por incrível que pareça sempre acaba, como dizia o Renato Russo.” (Juliani tinha um fio de tristeza e nostalgia no olhar que tocou profundamente a Henrique, ele desejou nunca mais vê-la assim, tão sozinha e perdida.)

A conversa com Henrique havia sido tão interessante e especial que o dia e a tempestade haviam passado sem serem notados. Ambos haviam se encontrado e eram o que precisavam ser. Um para o outro. Como duas metades de um coração que agora seguiria completo e feliz. Fariam tudo que fosse possível para estarem no mesmo mundo, mesmo que por uns instantes, durante algum tempo ou para sempre. Mesmo que fosse algo inesperado e surpreendente amavam-se. O amor tem dessas coisas. Aparece na hora certa e no lugar certo e nós é que achamos que é a hora e lugar errados. Somos tão imaturos em matéria de amor! Quando ele chega, nos arrebatava e pronto! Vemos-nos cativos, entregues e apaixonados. Somos eternos amantes, mesmo sem estar amando. O amor está adormecido dentro de nós. Quando alguém especial aparece (Como Henrique para Juliani e Juliani para Henrique) não podemos nos negar a chance de vivê-lo intensamente, e foi isso que fizeram...

As tempestades levam muito de muitos. Levou também algo de Juliani e Henrique! Levou deles a solidão e o vazio. Os presenteou um ao outro. Fez com que se encontrassem em meio ao nada para serem felizes! Levou muito aquela tempestade! Mas trouxe algo inestimável: Fez uma linda história de amor virar realidade.

Tanto Juliani quanto Henrique agradecem aquela tempestade que os uniu. Que os enlaçou delicadamente e os jogou ferozmente nos braços da paixão e do amor. Permitindo a ambos conhecerem o sabor de um grande amor. De um amor de verdade!

Aquela tempestade trouxe-lhes o grande amor de sua vida.

Maria José C. de Oliveira (19/04/2011)